

Estilos de vida de jovens em idade escolar da cidade de Coimbra: tempo dedicado à prática de actividades físicas e desportivas

*Claudia Pinheiro, Claudia Ferreira**

Resumo:

Numa sociedade marcada pela imagem desportiva, onde se assiste a uma democratização no acesso ao desporto sendo este consagrado como um direito de qualquer cidadão, não pode ser menosprezada a importância e o tempo que os jovens dedicam às actividades físicas e desportivas na sua vida quotidiana. Apesar de uma maior implementação da prática física e desportiva, os hábitos de prática desportiva da sociedade portuguesa, quando comparados com outros países da Comunidade Europeia, são inferiores (Marivoet, 1998). Tal facto pode ser revelador de carências ao nível de infra-estruturas, de escassos meios financeiros, de políticas estatais e locais pouco equilibradas, bem como de uma deficiente ou pouco adequada transmissão dos valores de cultura física e desportiva que irão favorecer a aquisição de hábitos desportivos. Perante este pressuposto, conhecer o tempo e espaço que as actividades físicas e desportivas ocupam no estilo de vida dos jovens é extraordinariamente importante pois, permite-nos reflectir sobre o modo como os valores de cultura física e desportiva estão a ser veiculados pelos diferentes agentes socializadores. O presente trabalho tem como objectivo estudar os estilos de vida de jovens, em idade escolar, da cidade de Coimbra. É ainda nosso propósito averiguar acerca do tempo que estes jovens dedicam à prática de actividades físicas e desportivas na sua vida quotidiana. Os dados provêm de um questionário aplicado a jovens de ambos os sexos, alunos de escolas secundárias da cidade de Coimbra. Os resultados são discutidos em função do género.

INTRODUÇÃO

Conhecer os estilos de vida de homens e mulheres de diferentes escalões etários e de diferentes categorias sociais é fundamental para uma melhor compreensão dos comportamentos sociais de uma dada população. Quando nos referimos a estilos de vida, estamos a recorrer à definição, deste conceito, dada por Cathelat (1985 cit. in Lagardera, 1992, 413): "...modos de vida particulares, definidos por um retrato robot ou um esquema de vida prático, personificado, conjuntural, local, sectorial, que associa a crença em valores de referência com atitudes implícitas, modelos de comportamento subconscientes e hábitos; uma linguagem, as suas imagens, símbolos e estereótipos; de modalidades de relação com a informação, com instituições, objectos, dinheiro, símbolos; condutas de vida organizada da vida familiar, profissional, comercial, social, cultural e de lazer". Assim, conhecer os gostos, os modos de vestir, os consumos culturais dos diferentes grupos, a forma como estes grupos ocupam os tempos livres, os usos que estes fazem dos vários espaços sociais, o tempo que dedicam às diferentes actividades, possibilita a definição de um determinado estilo de vida caracterizador de um certo grupo social. Simultaneamente, são estes mesmos estilos que permitem efectuar a distinção entre os vários grupos bem como o lugar que cada um ocupa na hierarquia social.

Todas as actividades e práticas desenvolvidas na vida quotidiana, e que dão indicações acerca de um certo estilo de vida, são culturais. São-no essencialmente devido ao significado simbólico que possuem, para além das funções práticas que ainda desempenham (Pais et al., 1994). Com o intuito de melhor se conhecer quais os estilos de vida de diferentes grupos sociais, no conjunto destas práticas culturais que se expressam no dia a dia, podem ser

objecto de estudo os hábitos alimentares, os hábitos de higiene pessoal, as tarefas domésticas, os pequenos vícios ou ainda os hábitos desportivos entre muitos outros aspectos. Com efeito, através de um estudo acerca de qualquer um destes aspectos, e nomeadamente acerca da forma como os indivíduos ocupam os seus tempos livres e qual o tempo que dedicam à prática de actividades físicas e desportivas, é possível obter um melhor conhecimento acerca do estilo de vida típico de determinado grupo social (Laberge & Sankoff, 1988). Tal é possível dado que todos estes aspectos podem e têm sido usados como indicadores de estilos de vida.

É neste contexto que se insere a presente investigação a qual tem como principal objectivo estudar o tempo que os adolescentes dedicam à prática de actividades físicas e desportivas na sua vida quotidiana.

1. Hábitos desportivos

O tempo que os adolescentes dedicam às diferentes actividades de lazer (onde se pode incluir a actividade física e desportiva) durante a sua vida diária, tem sido objecto de interesse e estudo por parte de vários investigadores (Meeks & Mauldin, 1990; Fine, Mortimer & Roberts, 1993 citados por Kremer et al., 1997).

Apesar de actualmente se assistir a uma maior divulgação e implementação da actividade física e desportiva, de existir um maior leque de actividades colocadas à disposição dos indivíduos, de o desporto ser, hoje, um direito do cidadão, segundo Marivoet (1998), os hábitos desportivos dos portugueses são menores do que os encontrados em outros países da União Europeia. Ainda que o desporto seja uma actividade a que os indivíduos, e particularmente os adolescentes, atribuem importância e a qual valorizam, a prática de actividades físicas e desportivas não é de modo algum a actividade com a qual os adolescentes despendem mais tempo no seu dia a dia. Tal facto é evidenciado por diversos estudos (Kremer et al., 1994; Schmidt, 1994; Pais et al., 1994; Almeida, 1997; Costa, 1997; Matos & Pinheiro, 1998; Sobral, 1992), os quais indicam o ver televisão, ouvir rádio, estar em frente ao computador, estar com os amigos e as actividades domésticas como as actividades a que os adolescentes mais se entregam no seu quotidiano.

Os menores hábitos desportivos existentes no nosso país são particularmente observáveis no sexo feminino. De acordo com Marivoet (1998) e Gonçalves (1996), em Portugal a participação masculina em actividades físicas e desportivas é superior à participação feminina. Esta situação deve ser analisada no contexto dos discursos produzidos na nossa sociedade relativamente à actividade física e desportiva para ambos os géneros. A menor participação da mulher em actividades físicas e desportivas tem que ser, necessariamente, analisada tomando em consideração os preconceitos sobre o ideal de feminilidade que durante décadas predominaram na nossa sociedade. Em vez de se preocupar com actividades físicas e desportivas, a mulher deveria essencialmente prestar atenção ao lar, ao cuidar do marido e à sua principal função, isto é maternidade. Como consequência, as mulheres foram gerações atrás de gerações, não só menos estimuladas para a prática desportiva como, muito frequentemente, desaconselhadas de uma prática física e desportiva pois tal poderia colocar em risco a sua feminilidade. Simultaneamente, o desporto foi, desde sempre, considerado como um dos últimos bastiões para a expressão e afirmação de uma identidade masculina. Isto é, o desporto tem sido considerado como o espaço ideal para socializar jovens do sexo masculino em formas de comportamento entendidas como as mais adequadas para o homem. Enquanto os rapazes atribuem um elevado valor ao desporto, devido ao importante papel que desempenha na construção da masculinidade, as raparigas perante o menor encorajamento para a prática desportiva a que foram sujeitas durante décadas, não só se sentem menos predispostas para a prática desportiva como aprendem a considerar o desporto como uma área essencialmente masculina que pode,

inclusivamente, colocar em risco a sua feminilidade. Com consequência envolvem-se menos em actividades físicas e desportivas.

2. Modalidades mais praticadas

São várias as modalidades desportivas escolhidas pelos indivíduos para o preenchimento das suas actividades. Apesar de existir um leque enorme de modalidades desportivas colocadas à disposição dos indivíduos, estes tendem a concentrar-se em torno de um número reduzido destas. De acordo com Marivoet (1993) em Portugal as modalidades com maior número de praticantes são, por ordem decrescente, o futebol, a ginástica, o atletismo, o ténis, a natação, o basquetebol, o andebol, o voleibol, o ciclismo, a caça, a pesca desportiva e o judo/karaté. Segundo esta mesma autora, “apesar de mais de 50 modalidades serem praticadas, apenas as doze referidas detêm algum significado no conjunto das disposições dos hábitos de prática” (Marivoet, 1993, 195). Também outros estudos realizados por Matos & Pinheiro (1997) e Almeida (1997) confirmam o domínio do futebol. No entanto estes dois estudos, e ao contrário do que se observa na investigação de Marivoet, indicam as actividades radicais como uma das actividades mais escolhidas pelos inquiridos.

No contexto das práticas desportivas mais escolhidas é possível verificar-se uma diferenciação entre os géneros. De acordo com estudos realizados (Almeida, 1997; Gonçalves, 1996; Kremer, 1997; Marivoet, 1991), os rapazes optam mais por modalidades de carácter colectivo, como o futebol e o basquetebol. As raparigas, por outro lado, envolvem-se mais em actividades de natureza individual e tradicionalmente consideradas como mais adequadas para o seu género. Assim, a ginástica, a aeróbica, o ténis e a natação surgem como as modalidades de eleição para o género feminino.

No que respeita ao local onde as actividades físicas e desportivas são praticadas, de acordo com Matos & Pinheiro (1997) os clubes desportivos mantêm-se como locais privilegiados de prática desportiva. Observa-se contudo uma tendência para o emergir de formas de participação mais informal efectuadas em outro tipo de espaços sociais como a rua, a praia, os rios, as montanhas entre outros. Este facto é colocado em evidência no estudo realizado por Kremer et al. (1997) o qual aponta para uma prática não institucionalizada cada vez maior.

Apesar de a nossa sociedade ser fortemente marcada pela imagem desportiva, a carência de infra-estruturas públicas, a existência de investimentos pouco articulados e adequados à procura existente e a escassez de meios financeiros, dificulta o acesso à prática desportiva e, por conseguinte, torna difícil a aquisição de hábitos desportivos. Para além deste tipo de carências, também “a visão negativa da actividade física considerando-a como pouco atractiva” (Mota, 1997, 90) em nada favorece a aquisição de hábitos desportivos. Podem ser apontadas diversas causas para esta situação, nomeadamente uma fraca percepção de competências, experiências pouco positivas decorrentes da prática de actividades físicas e desportivas, especialmente na escola, ou ainda falta de apoio de familiares e amigos (White & Coakley, 1986 cit. in Mota, 1997). Outros autores (Matos & Pinheiro, 1998; Kremer et al., 1997; Gonçalves, 1996) referem ainda a falta de tempo, a inexistência de instalações, os pequenos recursos económicos, os trabalhos escolares, como algumas das razões geralmente invocadas pelos jovens para a não prática desportiva ou para o abandono desportivo. Estas são algumas das justificações utilizadas pelos jovens para a ausência de uma prática sistemática e para a adopção de um estilo de vida mais sedentário (Sleap & Warburton, 1992 cit. in Mota, 1997).

METODOLOGIA

1. Objectivos do estudo:

- Verificar o tempo que jovens de ambos os sexos dedicam a diferentes actividades da sua vida diária.
- Analisar o tempo que jovens de ambos os sexos dedicam à prática de actividades físicas e desportivas no seu quotidiano.
- Averiguar acerca das modalidades mais praticadas e o nível de envolvimento nas mesmas.
- Verificar onde ocorre a prática de actividades físicas e desportivas.
- Averiguar acerca das razões que levam ao abandono desportivo e à não prática de actividades físicas e desportivas.

Para a concretização dos objectivos deste estudo, elaborámos um questionário o qual foi aplicado a alunos das escolas secundárias da cidade de Coimbra. Assim, foram utilizadas as seguintes escolas secundárias: Escola Secundária Quinta das Flores, Escola Secundária Avelar Brotero, Escola Secundária Jaime Cortesão, Escola Secundária de D. Duarte, Escola Secundária Infanta D. Maria e Escola Secundária D. Dinis.

O tratamento estatístico dos dados foi realizado através do programa statistic 5.0.

Foram elaboradas tabelas de frequência e tabelas de contingência para as variáveis em estudo. Foi ainda calculada a média e desvio padrão para algumas variáveis quantitativas.

2. Caracterização da Amostra

O estudo foi realizado com uma amostra estratificada ponderada composta por 337 indivíduos (170 rapazes e 167 raparigas). As idades destes indivíduos variam entre os 15 e os 23 anos (valores mínimos e máximos sendo a média de idades dos rapazes de $\bar{x} = 16,87 \pm 1,22$ anos e das raparigas de $\bar{x} = 16,86 \pm 1,29$ anos).

Dos 337 indivíduos, 116 frequentam o décimo ano de escolaridade, 131 o décimo primeiro ano de escolaridade e 89 o décimo segundo ano de escolaridade.

Da totalidade da amostra estudada, 174 estão matriculados no agrupamento I (científico-natural), 19 no agrupamento II (artes), 33 no agrupamento III (económico-social) e 74 no agrupamento IV (humanidades).

Relativamente às habilitações dos progenitores, a conclusão do ensino primário é o nível mais representativo para ambos (98 pais = 29% e 108 mães = 32,04%).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Locais de frequência durante o ano

A actividade a que os inquiridos mais se dedicam ao longo do ano é ir a bailes/discotecas, uma vez que 60 rapazes (17,80%) e 56 raparigas (16,62%) indicam esta actividade em primeiro lugar. Isto é, como a actividade a que mais se dedicam ao longo do ano. Logo de seguida surge o cinema com 34 rapazes e 34 raparigas a indicarem esta actividade em primeiro lugar.

Para os rapazes, o ir à praia e para as raparigas o assistir a espectáculos desportivos, são as actividades que os indivíduos indicam como sendo aquelas a que menos se dedicam ao longo do ano. Assim, 31 rapazes (9,20%) indicam o ir à praia em quinto lugar e 39 raparigas (11,57%) indicam os espectáculos

desportivos em quinto lugar. O facto de os espectáculos desportivos não ser uma das actividades mais procuradas pelos inquiridos, está em concordância com o estudo realizado por Schmidt em 1989, o qual refere existir na população portuguesa uma pequena percentagem de jovens a assistirem a espectáculos desportivos.

Relativamente ao item ir a festas de amigos, 53 rapazes (15,73%) indicam esta actividade em terceiro lugar e 50 raparigas (14,84%) indicam-na em segundo lugar.

	Primeiro		Segundo		Terceiro		Quarto		Quinto	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
À praia	17	5,04	18	5,34	35	10,39	40	11,87	31	9,20
	30	8,90	25	7,42	49	14,54	35	10,39	22	6,53
Ao cinema	34	10,09	27	8,01	31	9,20	23	6,82	28	8,31
	34	10,09	45	13,35	40	11,87	30	8,90	10	2,97
A bailes/discotecas	60	17,80	42	12,46	12	3,56	14	4,15	11	3,26
	56	16,62	35	10,39	28	8,31	21	6,23	12	3,56
A espectáculos desportivos	31	9,20	34	10,09	19	5,64	23	6,82	23	6,82
	16	4,75	9	2,67	10	2,97	24	7,12	39	11,57
A festas de amigos	22	6,53	39	11,57	53	15,73	27	8,01	8	2,37
	33	9,79	50	14,94	37	10,98	29	8,61	5	1,48

Tabela 1. Locais onde os sujeitos se costumam deslocar ao longo do ano.

2. Tempo dedicada às actividades diárias

	Até 1 hora		1-2 horas		2-3 horas		+ 3 horas	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Ver TV	45	13,35	62	18,40	32	9,50	26	7,72
	60	17,80	71	21,07	21	6,23	10	2,97
Computador	55	16,32	45	13,35	19	5,64	22	6,53
	71	21,07	19	5,64	9	2,67	5	1,48
Ler	103	30,56	12	3,56	8	2,37	4	1,19
	96	28,49	31	9,20	16	4,75	7	2,08
Conviver amigos	12	3,56	25	7,42	27	8,01	104	30,86
	10	2,97	18	5,34	27	8,01	110	32,64
Ouvir musica	38	11,28	53	15,73	35	10,39	36	10,68
	40	11,87	32	9,50	37	10,98	56	16,62
Trabalhos domésticos	101	29,97	13	3,86	6	1,78	2	0,59
	91	27	37	10,98	19	5,64	5	1,48
Ajudar pais	57	16,91	15	4,45	2	0,59	11	3,26
	51	15,13	9	2,67	3	0,89	2	0,59
No café	67	19,88	29	8,61	7	2,08	12	3,56
	77	22,85	18	5,34	8	2,37	5	1,48
Jogar nas máquinas	69	20,47	12	3,56	9	2,67	6	1,78
	47	13,95	6	1,78	4	1,19	1	0,3
Ir ao clube	52	15,43	19	5,64	18	5,34	13	3,86
	32	9,50	17	5,04	5	1,48	8	2,37
Passear	71	21,07	31	9,20	14	4,15	13	3,86
	51	15,13	44	13,06	13	3,86	14	4,15
Namorar	40	11,87	12	3,56	9	2,67	38	11,28
	26	7,72	19	5,64	12	3,56	34	10,09
Praticar actividade física	27	8,01	46	13,65	29	8,61	37	10,98
	33	9,79	46	13,65	19	5,64	19	5,64

Tabela 2. Tempo dedicado às diferentes actividades diárias.

A actividade a que os inquiridos mais se dedicam na sua vida diária é o conviver com os amigos, pois dos 337 sujeitos, 104 rapazes (30,86%) e 110 raparigas (32,64%) dependem mais de 3h/dia nesta actividade. Logo a seguir e para os rapazes, surge o namorar com 38 sujeitos (11,28%), a prática de actividades físicas com 37 indivíduos (10,98%) e o ouvir música com 36 sujeitos (10,68%). No grupo feminino, ainda que apresentando uma ordem diferente, verificamos que as actividades referidas pelos rapazes são também aquelas com as quais as raparigas dependem mais de 3h/dia. Assim, como segunda

actividade a que as raparigas dedicam mais tempo na sua vida diária surge o ouvir música com 56 raparigas (16,62%). Em terceiro e quarto lugar surgem o namorar (34 sujeitos=10,09%) e a prática de actividades físicas (19 sujeitos=5,64%) respectivamente. Apesar de as actividades físicas não surgirem como a actividade à qual as raparigas dedicam a maior parte do tempo do seu dia-a-dia, importa realçar que 46 raparigas (13,6%) dedicam em média 1 a 2h/dia, 19 (5,64%) despendem entre 2 a 3h/dia e 33 (9,79%) dedicam até 1h/dia à prática de actividades físicas de carácter informal. Este maior interesse poderá levar-nos a sugerir que a actividade física começa gradualmente a ocupar um lugar de maior destaque na vida destas raparigas.

Este maior interesse resultará não só de uma maior estimulação por parte de todos os agentes socializadores, como de uma gradual alteração nas relações de poder entre os géneros, de uma gradual transformação das funções, papéis e estereótipos tradicionalmente atribuídos à mulher bem como de uma maior valorização dos tempos livres onde o desporto se assume como um espaço privilegiado para a satisfação de necessidades sociais tais como o culto do corpo e o bem estar físico e psíquico.

Os dados aqui apresentados não se encontram na mesma linha de ideias de outros estudos realizados neste âmbito. Enquanto que Kremer et al. (1994), Schmidt, (1992), Pais et al. (1994), Almeida (1997), Costa (1997), Matos & Pinheiro (1998) e Sobral (1992), indicam o ver televisão, ouvir rádio, estar em frente ao computador, estar com os amigos e os trabalhos domésticos como as actividades a que os adolescentes mais se entregam no seu quotidiano, o presente estudo refere o convívio com os amigos, o namorar, o ouvir música e a prática de actividades físicas e desportivas como as actividades com as quais os jovens mais ocupam o seu tempo.

A leitura e os trabalhos domésticos são as actividades onde se encontra o maior número de inquiridos a afirmarem despendem apenas até 1h/dia nestas actividades. Dos 337 inquiridos, 101 rapazes (29,97%) e 91 raparigas (27%) dedicam 1h/dia aos trabalhos domésticos. Tal poderá levar-nos a pensar que algumas alterações se estão a verificar nas tarefas e nos papéis tradicionalmente atribuídos aos homens e às mulheres. No que respeita à leitura, verificamos que 103 rapazes e 96 raparigas dedicam 1h/dia à leitura. Apenas 11 alunos despendem mais de 3h/dia a ler. Existem contudo, 31 raparigas a afirmarem dedicarem 1 a 2h/dia à leitura. Estes dados revelam os poucos hábitos de leitura dos jovens deste estudo, o que por sua vez reflecte a tendência existente no nosso país para cada vez se ler menos conforme é mencionado no estudo realizado por Pais et al. (1994). Os poucos hábitos de leitura que se observam nos sujeitos deste estudo, podem estar relacionados com o emergir de novas actividades de tempo livre consideradas, por estes jovens, como mais interessantes por melhor corresponderem aos seus interesses. Entre estas actividades podem-se incluir os computadores e a televisão. Ainda que, como refere Donnat (1994 cit. in Pais et al., 1994), não se possa afirmar que estas actividades sejam as principais e únicas responsáveis pela existência de menores hábitos de leitura, pode-se porém, dizer que estas actividades em conjunto com outras tais como ouvir música e actividades físicas, poderão contribuir para um menor interesse pela leitura, ou como Donnat (1994 cit. in Pais et al., 1994, 223) afirma: "...para tornar cada vez mais difícil a inscrição da leitura no tempo e espaço dos lazeres". No nosso estudo é possível observarmos esta tendência para uma "quase substituição" da leitura por outras actividades. Assim, enquanto 11 sujeitos despendem mais de 3h/dia a ler, 36 indivíduos (26 rapazes=7,72 e 10 raparigas=2,97%) despendem o mesmo tempo a ver televisão. O número de sujeitos que dedicam entre 1 a 2h/dia a ver televisão é também, em termos percentuais, superior ao número de sujeitos que dedicam o mesmo tempo à leitura. O mesmo se verifica, quando se analisam os indivíduos que dedicam entre 2 a 3h/dia a ver televisão e a ler. Enquanto 24 sujeitos dedicam entre 2 a 3h/dia a

ler, 53 indivíduos (32 rapazes=9,50% e 21 raparigas=6,23%) dedicam este mesmo tempo a ver televisão.

Relativamente ao uso do computador, muito embora o nosso quotidiano seja fortemente marcado pelos meios informáticos, verificamos que para os jovens deste estudo o computador não surge como a actividade com a qual eles despendem mais tempo, isto é, mais de 3h/dia. Enquanto 22 rapazes (6,53%) e 5 raparigas (1,48%) dedicam mais de 3h/dia nesta actividade, 55 rapazes (16,32%) e 71 raparigas (21,07%) dedicam ao computador até 1h/dia. Se analisarmos o tempo dedicado ao computador com o tempo dedicado à leitura, tal como para a televisão, é possível observarmos que os inquiridos dedicam mais tempo por dia a esta actividade do que à leitura. Enquanto 11 sujeitos dedicam mais de 3h/dia à leitura, 27 indivíduos (22 rapazes=6,53% e 5 raparigas=1,48%) dedicam o mesmo tempo ao computador. O número de sujeitos que dedicam entre 1 a 2h/dia ao computador é também, em termos percentuais, superior ao número de sujeitos que dedicam o mesmo tempo à leitura.

No que respeita aos itens ajudar os pais, café, jogar nas máquinas, ir ao clube/colectividade, passear verificamos que o maior número de inquiridos afirma dedicar até 1h/dia a cada uma destas actividades.

3. Prática desportiva dos sujeitos

	Rapazes (n=170)		Raparigas (n=167)		Total (n=337)	
	n	%	n	%	n	%
Praticam	111	32,94	67	19,88	178	52,82
Não praticam	59	17,51	100	29,67	159	47,18

Tabela 3. Prática desportiva dos sujeitos.

Dos 337 inquiridos, verifica-se que 178 são praticantes de actividades físicas e desportivas. Ao analisarmos esta mesma variável por sexo, observa-se que os rapazes são aqueles que mais praticam (111 rapazes=32,94% e 67 raparigas= 19,88%). Contudo, se tomarmos apenas em consideração o grupo feminino, verificamos que são mais aquelas que não praticam do que as que praticam. Os dados encontrados corroboram os estudos de Marivoet (1998) e Gonçalves (1996) os quais referem existir em Portugal uma maior participação masculina em actividades físicas e desportivas comparativamente com a participação feminina.

O futebol, o voleibol e a natação são as modalidades onde é possível encontrar o maior número de praticantes.

Relativamente ao grupo feminino o voleibol, natação e aeróbica são as modalidades com maior número de raparigas praticantes (voleibol 13= 7,30%; natação 10=5,62%; aeróbica 10=5,62%). Estes dados contrariam os encontrados em estudos realizados neste âmbito. De acordo com Almeida (1997), Gonçalves (1996), Kremer et al. (1997) e Marivoet (1991), as raparigas tendem a envolver-se mais em actividades de carácter individual e tradicionalmente associadas ao género feminino, como a ginástica, a aeróbica, ténis e natação, o que não se verifica no presente estudo.

No que respeita ao grupo masculino, o maior número de rapazes praticantes dedicam-se ao futebol (45=25,28%) surgindo o andebol como a segunda modalidade mais praticada. Estes resultados encontram-se na mesma linha de ideias dos estudos realizados por Almeida (1997), Gonçalves (1996), Kremer et al. (1997) e Marivoet (1991), os quais indicam a preferência dos rapazes por modalidades de carácter colectivo como o futebol.

Os resultados encontrados, parecem sugerir uma diferente estimulação de rapazes e raparigas para a prática desportiva. Os rapazes tendem a ser mais incentivados, do que as raparigas, para actividades que envolvam o confronto e contacto corporal (Dunning, 1992; Dunning & Maguire, 1996).

4. Local de prática

	Escola	Clube desporto escolar	Casa	Jardim	Rua	Sala/Ginásio condição física	Piscina	Escola privada	Clube desportivo	Outro	Totais
Masculino	7	3	0	3	4	7	5	6	73	3	111
Coluna %	77,78	37,50	0	60,00	66,67	43,75	31,25	54,55	73,74	42,86	
Linha %	6,31	2,70	0	2,70	3,60	6,31	4,50	5,41	65,77	2,70	
Total %	3,93	1,69	0	1,69	2,25	3,93	2,81	3,37	41,01	1,69	62,36
Feminino	2	5	1	2	2	9	11	5	26	4	67
Coluna %	22,22	62,50	100	40,00	33,33	56,25	68,75	45,45	26,26	57,14	
Linha %	2,99	7,46	1,49	2,99	2,99	13,43	16,42	7,46	38,81	5,97	
Total %	1,12	2,81	0,56	1,12	1,12	5,06	6,18	2,81	14,61	2,25	37,64
Todos grupos	9	8	1	5	6	16	16	11	99	7	178
Total %	5,06	4,49	0,56	2,81	3,37	8,99	8,99	6,18	55,62	3,93	

Tabela 4. Local de prática desportiva.

Dos 178 inquiridos praticantes, verifica-se que é no clube desportivo que, em termos percentuais, mais rapazes e raparigas realizam a sua prática desportiva (41,01% dos rapazes e 14,61% das raparigas). Logo de seguida encontram-se a piscina e a sala ou ginásio de condição física (ambos com 8,99% de inquiridos a indicarem este local). Contudo, dos sujeitos que realizam a sua prática nestes locais, são mais as raparigas que utilizam estes espaços do que os rapazes. Assim, dos 16 sujeitos que indicam realizar a sua prática desportiva na piscina, 11 são raparigas (68,75%) e 5 são rapazes (31,25%). Dos 16 que utilizam a sala ou ginásio de condição física, 9 são alunos do sexo feminino (56,25%) e 7 são alunos do sexo masculino (43,75%). Já no espaço escolar a tendência é inversa. Dos 9 sujeitos que utilizam este espaço para a sua prática desportiva são mais os rapazes que o fazem do que as raparigas (7 rapazes=77,78% e apenas 2 raparigas=22,22%). Em termos percentuais, se compararmos rapazes e raparigas verificamos que os rapazes tendem a efectuar uma prática física e desportiva mais em espaços exteriores (jardim: dos 5 praticantes: 60% dos rapazes e 40% das raparigas utilizam este local; rua: dos 6 praticantes: 66,67% dos rapazes e 33,33% das raparigas efectuam a sua prática desportiva neste espaço), enquanto as raparigas preferem os espaços fechados para realizar a sua prática. Esta preferência por espaços diferenciados pode ser explicada com base na tradicional socialização das mulheres que as remete muito mais para espaços fechados, uma vez que os espaços exteriores tendem a ser considerados como lugares essencialmente masculinos e, como tal tidos como perigosos para o género feminino.

Os resultados encontrados confirmam o clube desportivo como o local privilegiado de prática tal como é referido em outros estudos (Matos & Pinheiro, 1997). Acentua-se uma maior participação desportiva em outros espaços sociais como por exemplo o jardim e a rua tal como é evidenciado no estudo realizado por Kremer et al. (1997).

5. Nível de envolvimento

Dos 178 sujeitos praticantes, 51 (28,65%) rapazes efectuam uma prática competitiva e 31 (17,42%) raparigas têm um nível de envolvimento na actividade física e desportiva considerado básico. Embora o nível competitivo seja o mais representado (73 indivíduos), enquanto 51 rapazes são incluídos neste nível apenas 22 raparigas podem ser incluídas neste nível de envolvimento. Considerando apenas o grupo feminino, verificamos que é no nível de envolvimento básico que as raparigas estão, em termos percentuais, mais

fortemente representadas. Das 67 praticantes, 46,27% estão incluídas no nível básico, 32,84% no nível competitivo e 17,91% no nível considerado de elite.

	Básico	Competitivo	Elite	Não responde	Totais
Masculino	32	51	28	0	111
Coluna %	50,79	69,86	70,00	0	
Linha %	28,83	45,95	25,23	0	
Total %	17,98	28,65	15,73	0	62,36
Feminino	31	22	12	2	67
Coluna %	49,21	30,14	30,00	100	
Linha %	46,27	32,84	17,91	2,99	
Total %	17,42	12,36	6,74	1,12	37,64
Todos grupos	63	73	40	2	178
Total %	35,39	41,01	22,47	1,12	

Tabela 5. Nível de envolvimento na prática desportiva.

Apesar de um crescente interesse das raparigas pelo desporto, verifica-se que o seu maior envolvimento é essencialmente no nível básico ao contrário do que sucede com os rapazes, o que poderá sugerir a existência de diferentes motivos para a prática desportiva. A razão pela qual o maior número de rapazes se envolve em actividades de natureza competitiva pode estar relacionado com o facto de o desporto ser tradicionalmente considerado uma área do domínio masculino através da qual se espera que os jovens desenvolvam características consideradas próprias de um homem. Isto é, desenvolvimento e exibição da força física, independência, agressividade, competitividade, ambição entre outras. Para as raparigas, mais importante do que a competitividade ou a independência, poderá estar a procura de bem estar físico, psíquico e social e o desenvolvimento de um corpo considerado ideal, podendo-se assim explicar o seu maior envolvimento no nível básico.

6. Motivos de abandono desportivo e razões para a não prática desportiva

Dos inquiridos não praticantes, 51 apontam como primeira razão de abandono motivos escolares (19 rapazes=11,95% e 32 raparigas=62,75%). O aparecimento de outros interesses é indicado por 17 sujeitos (8 rapazes e 9 raparigas) como a primeira e segunda razão de abandono desportivo. O aumento de idade é também apontado por 6 sujeitos (4 rapazes e 2 raparigas) como a primeira razão de abandono. A mudança do local de habitação é indicado por 6 raparigas e um rapaz como a primeira causa de abandono. Apenas 2 rapazes (1,26%) e 1 rapariga (0,63%) indicam como motivo de abandono o facto de a oferta existente não corresponder aos seus interesses. Não haver oferta de prática, é também apontado por 3 rapazes e 6 raparigas como primeira causa de abandono.

Relativamente às razões apontadas para uma não prática desportiva, verifica-se que 92 dos inquiridos não praticantes referem a falta de tempo como a grande razão para o seu não envolvimento numa prática desportiva (32 rapazes=20,13% e 60 raparigas=37,74%). A não prática de actividades físicas e desportivas por questões de saúde é apontada também em primeiro lugar por 13 indivíduos, sendo 5 rapazes (3,14%) e 8 raparigas (5,03%). O facto de no clube só se fazer desporto de competição é indicado por 3 rapazes (1,89%) como motivo de uma não prática desportiva. A falta de instalações adequadas é indicado em segundo lugar, por 10 sujeitos (4 rapazes=2,52% e 6 raparigas=3,77%) como uma razão para a não prática desportiva. O facto de no clube não existir aquilo que os inquiridos gostam de fazer é também indicado por 4 rapazes (2,52%) e 5 raparigas (3,14%) como razão para a não prática de actividades físicas e desportivas.

Tal como Deidre & Clarke (1997) e Schmidt (1992), os motivos escolares e a falta de tempo são apontadas como as principais razões de uma não prática desportiva. Porém, estes resultados contrariam os dados encontrados por outros autores (Matos & Pinheiro, 1998; Kremer et al., 1997; Gonçalves, 1996) os quais

referem a falta de tempo, a inexistência de instalações, os pequenos recursos económicos e os trabalhos escolares, como as principais razões invocadas pelos jovens para a não prática desportiva ou para o abandono desportivo.

		Primeiro		Segundo		Terceiro	
		n	%	n	%	n	%
Motivos de abandono desportivo	Motivos escolares	19	11,95	8	5,03	1	0,63
		32	20,13	11	6,92	4	2,52
	Motivos familiares	1	0,63	1	0,63	0	0
		2	1,26	4	2,52	3	1,89
	Doença	5	3,14	1	0,63	1	0,63
		8	5,03	1	0,63	2	1,26
	Interesses mais importantes	8	5,03	8	5,03	2	1,26
		9	5,66	9	5,66	6	3,77
	Aumento da idade	4	2,52	1	0,63	2	1,26
		2	1,26	3	1,89	1	0,63
	Mudança do local de habitação	1	0,63	3	1,89	0	0
		6	3,77	2	1,26	2	1,26
Oferta de prática não correspondia aos interesses	2	1,26	3	1,89	4	2,52	
	1	0,63	7	4,40	2	1,26	
Não havia oferta de prática	3	1,89	2	1,26	1	0,63	
	6	3,77	4	2,52	3	1,89	
Outros	8	5,03	0	0	1	0,63	
	16	10,06	3	1,89	1	0,63	
Razões para a não prática desportiva	No clube só se faz desporto de competição	3	1,89	0	0	1	0,63
		1	0,63	1	0,63	0	0
	Não gosto	0	0	1	0,63	0	0
		1	0,63	2	1,26	2	1,26
	Questões de saúde	5	3,14	1	0,63	0	0
		8	5,03	2	1,26	1	0,63
	Não tem qualquer utilidade	2	1,26	1	0,63	1	0,63
		0	0	1	0,63	0	0
	Não tenho tempo	32	20,13	1	0,63	0	0
		60	37,74	10	6,29	3	1,89
	Pais não querem	0	0	2	1,26	2	1,26
		3	1,89	2	1,26	2	1,26
Falta de instalações desportivas adequadas	1	0,63	4	2,52	0	0	
	4	2,52	6	3,77	1	0,63	
O que gosto de fazer não existe no clube/escola	4	2,52	2	1,26	1	0,63	
	5	3,14	9	5,56	1	0,63	
Outros	2	1,26	0	0	0	0	
	9	5,56	1	0,63	0	0	

Tabela 6. Motivos de abandono desportivo e razões para a não prática desportiva.

CONSIDERAÇÕES

A actividade a que os inquiridos mais se dedicam ao longo do ano é o ir a bailes/discotecas, surgindo logo de seguida o cinema.

Para os rapazes, o ir à praia e para as raparigas o assistir a espectáculos desportivos, são as actividades que os indivíduos indicam como sendo aquelas a que menos se dedicam ao longo do ano.

O item ir a festas de amigos aparece em terceiro lugar para os rapazes e em segundo lugar para as raparigas.

O convívio com os amigos é a actividade a que os sujeitos mais se dedicam na sua vida diária. Logo a seguir e para os rapazes, surge o namorar a prática de actividades físicas e o ouvir música. No grupo feminino, ainda que apresentando uma ordem diferente, verificamos que as actividades referidas pelos rapazes são também aquelas com as quais as raparigas despendem mais de 3h/dia.

A leitura e os trabalhos domésticos são as actividades onde se encontra o maior número de inquiridos a afirmarem despendem apenas até 1h/dia nestas actividades.

Relativamente ao uso do computador, para os jovens deste estudo o computador não surge como a actividade com a qual eles despendem mais tempo, isto é, mais de 3h/dia. Se analisarmos o tempo dedicado ao computador com o tempo dedicado à leitura, tal como para a televisão, é possível observarmos que os inquiridos dedicam mais tempo por dia a esta actividade do que à leitura.

No que respeita aos itens ajudar os pais, café, jogar nas máquinas, ir ao clube/colectividade, passear o maior número de inquiridos afirma dedicar até 1h/dia a cada uma destas actividades.

Da totalidade da amostra analisada, são mais os praticantes do que os não praticantes. Em função do sexo, são os rapazes aqueles que mais praticam.

O futebol, o voleibol e a natação são as modalidades onde é possível encontrar o maior número de praticantes.

Relativamente ao grupo feminino o voleibol, natação e aeróbica são as modalidades com maior número de raparigas praticantes. No que respeita ao grupo masculino, o maior número de rapazes praticantes dedicam-se ao futebol, sendo o andebol a segunda modalidade mais praticada.

É no clube desportivo que mais rapazes e raparigas realizam a sua prática desportiva. Logo de seguida encontram-se a piscina e a sala ou ginásio de condição física. Contudo, dos sujeitos que realizam a sua prática nestes locais, são mais as raparigas que utilizam estes espaços do que os rapazes.

Quanto ao nível de envolvimento, é no nível competitivo que se encontra o maior número de sujeitos. Enquanto os rapazes se envolvem mais em práticas competitivas, as raparigas estão mais envolvidas em actividades físicas e desportivas de natureza básica.

Os motivos escolares, o aparecimento de outros interesses e o aumento de idade são os principais motivos apontados para o abandono desportivo. Relativamente às razões apontadas para uma não prática desportiva, a falta de tempo e as questões de saúde são as principais razões que levam a uma não prática de actividades físicas e desportivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, C.M. (1997). A emergência de uma nova subcultura desportiva. *Horizonte*, XIV(80), 7-15.

Bukel Heras, A. (1992). Deporte y calidad de vida: aspectos sociológicos relacionados con la actividad físico-deportiva y el género. *Actas do Congresso Científico Olímpico*1(24), 337-348. Deporte y Documentacion,.

Costa, D. (1997). A influência da actividade física nos níveis de saúde, condição física e hábitos de saúde. *Horizonte*, XIII(77), dossier.

Dunning, E. (1992). O Desporto como uma área reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In N. Elias & E. Dunning (Eds.), *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.

Dunning, E. & Maguire, J. (1996). Process-sociological notes on sport, gender relations and violence control. *IRSS* 31(3), 295-321.

Gonçalves, C. (1996). Portugal. In P. Knopp et al (Eds.), *Worldwide trends in youth sport* (193-203). Champaign: Human Kinetics.

Kremer, J., Trew, K., Ogle, S. (1992). *Young people's involvement in sport*. Londres e Nova York: Routledge.

- Laberge, S., & Sankoff, D. (1988). Physical activities, body habitus and lifestyles. In J. Harvey, & H. Cantelon (Eds.), *Not just a game* (268-286). Canadá: University of Ottawa Press.
- Lagardera, O.F. (1992). Deporte y calidad de vida: la sociedad deportivizada. *Actas do Congresso Científico Olímpico*1(24), 412-423. Deporte y Documentacion.
- Marivoet, S. (1991). Hábitos desportivos da população portuguesa. *Horizonte*, VII(42), 191-195.
- Marivoet, S. (1993). Hábitos desportivos: valores socioculturais em mudança. *Horizonte*, IX(53), 193-198.
- Marivoet, S. (1998). Aspectos sociológicos do desporto (55-66). Lisboa: livros horizonte.
- Matos, Z., Pinheiro, C. (1998). Novos desafios para o desporto, interesses pela prática desportiva em jovens do 9º ano de escolaridade. *Actas do IV congresso de Educação Física e Ciências do desporto dos Países de Língua Portuguesa, II*, 245-252. Moçambique: Maputo.
- Mota, J. (1997). *A actividade física no lazer: reflexões sobre uma prática*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pais, J.M., Nunes, J.S., Duarte, M.P., Mendes, F.L. (1994). *Práticas culturais dos lisboetas*. Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Schmidt, L. (1992). Jovens portugueses em overdose mediática. *Actas do congresso Mundial do Lazer* (245-253). Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Sobral, J. (1992). Estilos de vida, consumos e lazer num espaço rural português: alguns aspectos. *Actas do congresso Mundial do Lazer* (227-243). Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.